



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN

RENATA VIRGÍNIA GUIMARÃES DA SILVA

POR UMA GEOGRAFIA DE VEROUVIR: como uma cartografia sonorovisual da cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE pode valorizar sua cultura e sua memória afetiva

Caruaru
2023

RENATA VIRGÍNIA GUIMARÃES DA SILVA

POR UMA GEOGRAFIA DE VEROUVIR: como uma cartografia sonorovisual da cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE pode valorizar sua cultura e sua memória afetiva

Memorial Descritivo de Projeto apresentado ao Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Design.

Orientador (a): Prof^a Dr^a Camila Brito de Vasconcelos

Caruaru

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

SILVA, RENATA VIRGÍNIA GUIMARÃES DA .

POR UMA GEOGRAFIA DE VEROUVIR: como uma cartografia
sonorovisual da cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE pode valorizar sua
cultura e sua memória afetiva / RENATA VIRGÍNIA GUIMARÃES DA
SILVA. - Caruaru, 2023.

50 p. : il., tab.

Orientador(a): Camila Brito de Vasconcelos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Design, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. cartografia. 2. som. 3. memória gráfica. I. Vasconcelos, Camila Brito de .
(Orientação). II. Título.

760 CDD (22.ed.)

RENATA VIRGÍNIA GUIMARÃES DA SILVA

POR UMA GEOGRAFIA DE VEROUVIR: como uma cartografia sonorovisual da cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE pode valorizar sua cultura e sua memória afetiva

Memorial Descritivo de Projeto apresentado ao Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Design.

Aprovada em: 27/09/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Camila Brito de Vasconcelos (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a Maria de Fatima Waechter Finizola Santana (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Eduardo Romero Lopes Barbosa (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por serem troncos grossos, com raízes profundas, minhas árvores primeiras, Lusimar e Sandoval. Aos meus amigos Mayara e Marcelo, pela inteireza, pelo ombro camarada, por me ajudarem a viver. À Ágda, Raísa, José, Phylipe, Gabriel e Jansen, pelos sons, por acreditarem nesta pesquisa, por comporem essa sinfonia que é Santa Cruz do Capibaribe nessa cartografia; vocês são a paisagem. À minha orientadora genial, linda, sensível, amiga, que conseguiu me compreender, sensivelmente, desde o primeiro momento e não largou a minha mão: Camila. Vinícius, pela surpresa e contribuição naquela manhã de sábado; você é de uma sensibilidade emocionante. Ao Seu Galego, por termos vivido muitas histórias na estrada noturna entre minha casa e a universidade; pelo transporte de vários estudantes, pela risadagem, pelas canções. Aos meus professores, que me ascenderam inúmeras chamas nesse fogo louco aqui dentro. A todos que chegaram perto, que ouviram e falaram, seres sonoros: Bela, Euller, Larissa, Géssica, Pedro, Guilherme. Por fim, à mim, que sou feita também de todas as pessoas acima, de todos os seres que amo, de toda a revolta; uma trabalhadora da cultura, da arte, compondo essa paisagem mundial.

RESUMO

Este trabalho apresenta a criação de uma cartografia das memórias sonoras afetivas de Santa Cruz do Capibaribe - Pernambuco, através de representações visuais. Tem como objetivo contribuir para o registro e preservação da memória sonora e visual da cidade. Para a coleta dos dados sonoro-visuais e construção de parte da cartografia, foi realizado um encontro com um grupo de 7 moradores. O resultado final do projeto foram cartazes desenvolvidos pela pesquisadora-participante, a partir do material gerado no encontro, tornando concreta a relação entre a memória, o som e o visual.

Palavras-chave: cartografia; som; memória gráfica.

ABSTRACT

This work presents the creation of a cartography of the affective sound memories of Santa Cruz do Capibaribe - Pernambuco, through visual representations. Its objective is to contribute to the recording and preservation of the city's sound and visual memory. For the collection of soundvisual data and the construction of part of the cartography, a meeting was held with a group of 7 residents. The final result of the project consisted of posters developed by the researcher-participant, based on the material generated in the meeting, making the relationship between memory, sound, and visual tangible.

Keywords: cartography; sound; graphics memory.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
1.1	SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE E SUA PAISAGEM.....	8
1.2	Objetivo Geral.....	12
1.3	Objetivos Específicos.....	12
1.4	<i>Justificativa.....</i>	13
1.5	Resultados Obtidos.....	14
2	METODOLOGIA DE DESIGN.....	14
2.1	DEFINIÇÃO DOS PROBLEMAS E SEUS COMPONENTES.....	15
2.1.1	Coleta de dados e análise.....	15
2.1.2	Criação, experimentação e materiais.....	16
2.1.3	<i>Verificação e testes.....</i>	16
2.1.4	Solução e detalhes construtivos.....	17
3	DESENVOLVIMENTO PROJETUAL.....	17
3.1	DEFINIÇÃO DOS PROBLEMAS E SEUS COMPONENTES.....	17
3.1.1	Coleta de dados e análise.....	18
3.1.2	Criação, experimentação e materiais.....	33
3.1.3	<i>Verificação e testes.....</i>	38
3.1.4	Solução e detalhes construtivos.....	41
4	DETALHAMENTO TÉCNICO E ESPECIFICAÇÕES.....	42
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	42
	REFERÊNCIAS.....	45
	APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO PARCIAL DOS ÁUDIOS DOS CO-PARTICIPANTES.....	48
	APÊNDICE B – ÁLBUM COM TODAS AS IMAGENS DA COLETA DE DADOS, DESCRIÇÃO PARCIAL DOS ÁUDIOS, CARTAZES E MOCKUPS DESENVOLVIDOS.....	51

1 INTRODUÇÃO

1.1 SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE E SUA PAISAGEM

Santa Cruz do Capibaribe, conhecida como Capital da Sulanca ou Capital das Confecções, é a cidade mais populosa da Região de Desenvolvimento do agreste setentrional de Pernambuco. Segundo os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), a população estimada da cidade é de mais de 111 mil habitantes.

A cidade compõe, junto à Caruaru e Toritama, o Pólo de Confecções do Agreste (PCA), tendo sua produção de roupas comercializada em todo o Brasil e outros países da América Latina através do Moda Center Santa Cruz (Figura 2), o maior centro atacadista de confecções do Brasil, que recebe a cada semana, em seu período de maior movimentação, mais de 150 mil pessoas.

Figura 1: Vista aérea da cidade



Fonte: Blog do Bruno Muniz.

Figura 2: Moda Center Santa Cruz



Fonte: Portal G1.

A relação entre a confecção e Santa Cruz do Capibaribe tem início desde os anos 1940 (Campelo, 1983), com a comercialização de sobras de tecido vindas de algumas regiões do Brasil, como Sul e o Sudeste, dando início à Feira da Sulanca¹ (Figuras 3 e 4).

¹ Como afirma Burnett (2014), sulanca vem da palavra helanca, fio de filamentos sintéticos bastante utilizado nos anos 60/70 - e também nos dias de hoje - que vinha do Sul, sendo a junção de sul + helanca o que originou a palavra sulanca. A produção familiar e informal da cadeia produtiva e comercial da confecção é o que caracteriza a Feira da Sulanca.

Figura 3: Início da feira da sulanca, anos 70



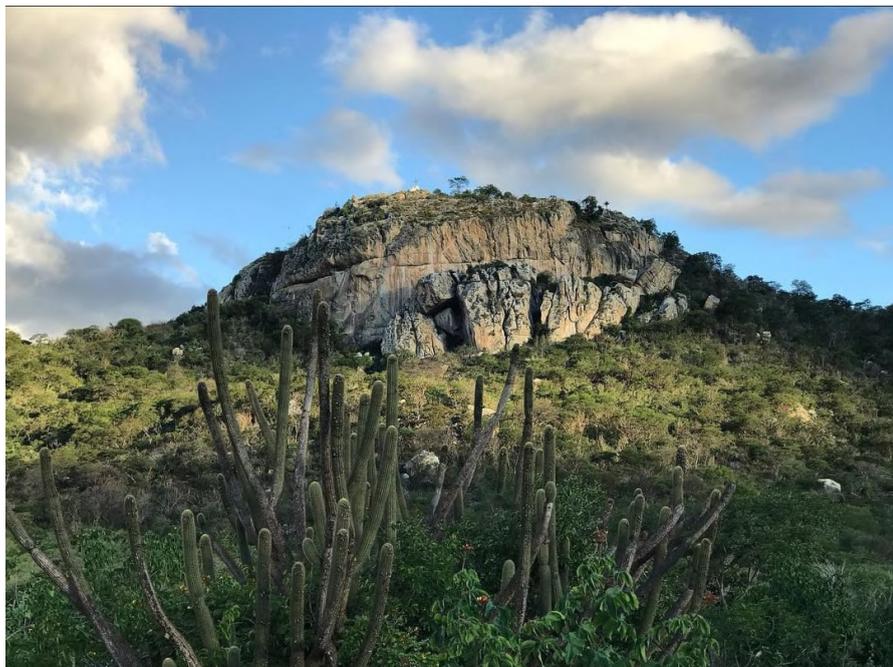
Figura 4: Facção de costuras, anos 80



Fonte: José Romildo Bezerra/Acervo Pessoal, 1970.

A feira é um elemento muito presente e importante na memória dos habitantes da cidade, sua cadeia produtiva e a força de trabalho dos seus moradores trazem uma grande memória geracional do lugar, como canta a artista santacruzense Agda, em sua canção Transversal, que descreve os elementos simbólicos de quem habita e vive a cultura da região: "Feira solta/Fera santa/Essa cruz do capibara/Capivara arrudiando/Os anéis de teu carmim." (Moura, 2022).

Figura 5: Vista da Serra do Pará



Fonte: Portal Serra do Pará, 2021.

Para além da feira, a cidade conta com pontos turísticos ambientais, como a Serra do Pará (Figura 5), que abre o olhar para outros aspectos relevantes da cidade, como o bioma da Caatinga, predominante na região.

Figura 6: Cheia do Rio Capibaribe, anos 70



Figura 7: Rio Capibaribe atualmente



Fonte: Página de Arnaldo Vitorino da Silva no Instagram²

O Rio Capibaribe (Figuras 6 e 7) também é um importante personagem que permeia a cidade e à batiza, no entanto, tendo sua saúde ceifada ao longo do tempo pela poluição vinda através das fábricas de tecido e da falta de saneamento básico da cidade, o rio limpo existe apenas na memória dos habitantes mais antigos. Como enfatiza Xavier (2006), por conta da falta de registros históricos oficiais da cidade, a memória oral dos habitantes torna-se uma importante ferramenta de preservação da história do lugar.

A herança cultural, proveniente da memória coletiva, é parte do patrimônio cultural afetivo, que estabelece vínculo entre os seres humanos na linha do tempo histórico da vida, fortalecendo a identidade e preservação dos indivíduos, portanto devendo ser preservado e celebrado:

O patrimônio estabelece vínculos com as emoções e afetividade, na falta de um patrimônio material e na inexistência de bens intangíveis, pode-se pensar a memória não como uma parte de um determinado bem, mas

² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEeu7uvDurV> e <https://www.instagram.com/p/B-XYxLQjRB9>. Acesso em: 17 jan. 2023.

sendo a própria memória o bem a ser preservado, nas suas formas de lembranças e narrativas (Oliveira; Ribeiro, 2019).

Entendendo o afeto como força impulsionadora da identidade de um povo, é nele que este trabalho se segura e avança, compreendendo o afeto como parte inseparável da salvaguarda da memória do sujeito coletivo e de seu patrimônio cultural afetivo. Como bem afirma Gonçalves (2005), o afeto tem função ativa e significativa e não se limita a um mero símbolo ou representação. Nesse sentido, o resgate das memórias afetivas dos participantes da pesquisa, faz parte desse patrimônio afetivo, que encontra maior valor, participação, apropriação e proteção do que algo convencional e burocrático.

Este projeto se serve do conceito de paisagem por Milton Santos (1996, p. 61), que a define muito além do olhocentrismo, propondo uma 'visão' dos sentidos, quando afirma que a paisagem, sendo feita de tudo o que os sentidos³ alcançam, "não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.". A paisagem de SCC⁴, atualmente, é marcada por diversos sons, memórias novas e antigas ainda presentes que dizem principalmente o tom pelo qual ela é amplamente conhecida, pela sua produção de confecção de roupas:

O som do Polo é este, um vibrar intrépido, uma música em desconstrução, instrumentos experimentais: a agulha da máquina de bordado e seu tic tac; o som da tesoura rasgando o tecido que o cortador desenha à mão; o irromper da sapata abafada pelo pano; a máquina de travete; o furador preparando a peça para receber o ilhós; alguém testando o zíper; o grito do sulanqueiro ao anunciar a promoção: "É 3 por R\$10, freguesa!" (Bezerra, 2020, p. 37-38).

SCC é isso e muito mais, através da via do trabalho da confecção, da arte que se produz, da natureza dos animais, das árvores, do vento e também das memórias particulares dos povos e das famílias que viveram e vivem diariamente nesse agreste.

³ A autora do trabalho optou pela inclusão de ver e ouvir no mesmo campo sensível, a partir da perspectiva do poeta brasileiro Haroldo de Campos, que utiliza em sua prosa de 1963 a aglutinação 'acabarcomeçar', que propõe, pela falta de espaço entre as duas palavras, a não delimitação de onde acaba uma palavra e começa a outra, entendendo-se assim, que fazem parte do mesmo universo. A autora traz, inclusive, a aglutinação 'verouvir' ao título deste trabalho, entendendo que fazem parte do mesmo universo e do conceito de paisagem de Milton Santos. Ao longo desta pesquisa, você também poderá encontrar a aglutinação 'sonorovisual', partindo desse mesmo conceito.

⁴ Ao decorrer do texto, será utilizado o acrônimo SCC para se referir à cidade de Santa Cruz do Capibaribe, visando facilitar a leitura, tendo em vista que o nome da cidade é longo e se repete algumas vezes no relatório.

O presente projeto foi desenvolvido através do resgate das memórias sonoras afetivas dos habitantes de SCC para elaborar, através de metodologias do design, uma cartografia afetiva⁵ dessas memórias sonoras, as transformando em traduções visuais através de desenhos, esses desenhos, que "como ondas do mar, se contaminam, contagiam e não sabemos onde termina nós mesmos e começa o outro" (Pereira, 2015, p. 109), são a cartografia afetiva, também atribuídas da própria narrativa oral nos participantes:

[...] o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (Deleuze; Guattari, 1995, p. 22).

Pela falta de registros desse tipo na cidade, esta pesquisa se torna inovadora pela abordagem entre diferentes linguagens, enriquecendo o processo de design. A partir da geração de insights e experiências únicas, permite uma compreensão mais profunda da cultura e da memória afetiva da cidade, tornando esta pesquisa um registro da memória de um povo, uma memória amada. Esse método, podendo ser replicado em outros temas e demais territórios, sabe que o processo é vivo e mutável, por isso riquíssimo.

1.2 Objetivo Geral

Desenvolver uma cartografia sonorovisual afetiva de Santa Cruz do Capibaribe/PE.

1.3 Objetivos Específicos

- Apresentar a cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE e como sua cultura se relaciona com sua paisagem sonora.

⁵ Foi utilizado o conceito de cartografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari na introdução no livro Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (1995). A cartografia adota uma abordagem que acompanha os processos, gerando movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Essa abordagem cria desvios, redes, derivas e rizomas. A propósito de rizomas, esse se entende como o conceito de "Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída. [...] Diferentemente das árvores ou de raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades" (Zourabichvili, François, 2004, p. 97).

- Discutir e colher, junto a um grupo de moradores, aspectos sonoros da cidade através do resgate de memórias sonoroafetivas;
- Desenvolver em grupo uma cartografia sonorovisual a partir dos desenhos dessas memórias sonoras identificadas,
- Elaborar cartazes a partir da cartografia.

1.4 Justificativa

Santa Cruz do Capibaribe, conhecida como Capital da Sulanca ou Capital das Confeções, possui uma cultura rica e singular relacionada à produção de confeções e à Feira da Sulanca, elementos que fazem parte da memória coletiva e da identidade dos habitantes locais. No entanto, poucos estudos têm buscado evidenciar a relação entre a cultura local e a paisagem sonora da cidade, deixando um espaço para investigação e compreensão mais aprofundada.

A paisagem sonora, composta pelos diversos sons presentes em um determinado ambiente, descreve não apenas a acústica física do local, mas também os significados culturais atribuídos aos sons. Nesse contexto, compreender como a cultura de Santa Cruz do Capibaribe se manifesta por meio de sua paisagem sonora é essencial para valorizar e preservar o patrimônio cultural afetivo dessa região.

Este trabalho se propõe a preencher essa lacuna ao utilizar ferramentas de design para evidenciar a relação entre a cultura local e a sua paisagem sonora. Através do resgate das memórias sonoras afetivas dos habitantes, pretende-se elaborar uma cartografia afetiva dessas memórias, traduzindo-as em representações visuais por meio de desenhos.

As ferramentas de design desempenham um papel fundamental nesse processo, permitindo a criação de insights e experiências únicas que ampliam a compreensão da cultura e da memória afetiva da cidade. Ao utilizar metodologias do design, busca-se não apenas registrar e documentar as memórias sonoras, mas também transformá-las em uma linguagem visual que possa ser apreciada e compreendida por um público mais amplo.

Essa abordagem entusiasma o registro da memória sonora e gráfica da cidade, permitindo a criação de uma cartografia que indica caminhos para uma atenção sonora e visual mais sensível e afetiva.

Esta pesquisa contribuirá academicamente, servindo de referência e inspiração para outros estudos que busquem trabalhar a relação entre cultura, memória e paisagem sonora em diferentes territórios, bem como possibilitará que as gerações futuras desfrutem de uma cartografia que promova a sensibilidade, o afeto, a identidade e valorize a capacidade imaginativa de seus habitantes.

1.6 Resultados Obtidos

O resultado final do projeto se deu com a construção de 8 cartazes das memórias sonoras e suas representações visuais de 7 moradores de SCC - Pernambuco.

2 METODOLOGIA DE DESIGN

Esta pesquisa se classifica como de natureza aplicada, tendo em vista a aplicação prática de conhecimentos teóricos através da criação de uma cartografia sonoro-visual afetiva de Santa Cruz do Capibaribe/PE. Com objetivo exploratório e abordagem qualitativa, busca-se compreender o mais amplamente possível, o objeto de estudo, levando em consideração as experiências dos sujeitos da pesquisa em seu contexto de vida. Com abordagem dedutiva, o projeto propõe, através de procedimento experimental, aplicar leis e teorias sobre o assunto, em resultados obtidos em entrevistas para coleta de dados, com instrumentos como papéis, lápis de pintar, canetinhas hidrográficas, giz, borracha, estilete, canetas esferográficas, marcadores, investigando a memória dos moradores sob uma ótica do som e do visual, nunca antes tratado na cidade.

Além disso, o projeto adota a metodologia projetual de Munari (1998), que proporciona uma estrutura e diretrizes para o desenvolvimento prático do projeto. Para enriquecer a coleta de dados, também é incluída a utilização das sondas culturais⁶ propostas por Gaver, Dunne & Pacenti (1999). Essa abordagem

⁶ São ferramentas projetadas criativamente para capturar insights e reflexões sobre a cultura, experiências e perspectivas dos participantes. Elas podem assumir diferentes formatos, como questionários, diários ou atividades criativas, buscando obter uma compreensão mais profunda e contextualizada da cultura de um

complementar permite uma maior participação dos moradores como coautores da pesquisa, contribuindo para a compreensão e preservação das memórias afetivas da cidade. Por fim, o procedimento técnico será através de pesquisa de campo e pesquisa participante, tendo a pesquisadora do projeto ligação com o tema de pesquisa, morando há mais de 20 anos na cidade e tendo relação com as memórias afetivas do lugar.

Essa abordagem contribui para a construção coletiva da cartografia sonorovisual, valorizando a cultura e a memória afetiva da cidade. Abaixo seguem as cinco etapas, são elas:

2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E SEUS COMPONENTES

Será formado um grupo de sete moradores como co-participantes da pesquisa, representando diferentes perfis, como estudantes e artistas. A pesquisadora participará ativamente como participante, pela sua relação profunda com a cidade, sendo também moradora. O objetivo do projeto é desenvolver uma cartografia sonorovisual de SCC para valorizar sua cultura e memória afetiva.

É nessa etapa que será utilizado o kit da sonda cultural, formado com materiais necessários para a coleta dos dados visuais. Essa etapa inicial estabelece as bases teóricas e práticas necessárias para o desenvolvimento do projeto, incluindo a compreensão da relação entre cultura, memória afetiva e paisagem sonora, bem como a seleção criteriosa dos recursos e instrumentos adequados para a coleta e análise dos dados.

2.1.1 Coleta de dados e análise

Na segunda etapa do projeto, serão coletados dados por meio das sondas culturais, que consistem nos registros em forma de desenhos das memórias sonoroafetivas dos participantes da pesquisa. Esses registros serão utilizados nas etapas criativas e irão compor o produto final do projeto. Serão desenvolvidos 8 cartazes, cada um deles representando o conteúdo sonorovisual de cada participante da pesquisa. Os cartazes serão uma expressão visual das experiências

grupo específico. Essa abordagem qualitativa permite coletar dados valiosos e enriquecer a pesquisa, proporcionando insights ricos sobre o tema em estudo. Gaver, Dunne & Pacenti (1999)

e vivências sonoras dos indivíduos envolvidos, contribuindo para a construção da cartografia sonorovisual afetiva de SCC.

2.1.2 Criação, experimentação e materiais

Os dados coletados serão trabalhados de forma criativa, utilizando-se de diferentes técnicas e materiais. Serão realizados experimentos visuais, combinando os elementos sonoros e visuais de forma a transmitir a atmosfera e a essência das memórias sonoroafetivas da cidade de SCC.

Durante essa etapa, serão realizadas avaliações e seleções dos materiais mais adequados para expressar as características e singularidades dos registros sonorovisuais, garantindo a qualidade estética e a fidelidade à intenção original dos participantes da pesquisa.

O uso de ferramentas digitais, como scanners e softwares de edição de som, edição de imagem e vetor, poderão ser utilizados para aprimorar e finalizar os elementos gráficos que comporão os cartazes sonorovisuais.

2.1.3 Verificação e testes

Essa etapa é essencial para avaliar a eficácia dos artefatos gráficos na comunicação das memórias sonoroafetivas da cidade de SCC.

Os cartazes serão submetidos a um processo de revisão minucioso, no qual serão verificados aspectos como legibilidade, impacto visual e coerência com os objetivos do projeto.

Por falta de recurso financeiro para subsidiar as impressões dos 8 cartazes, serão feitas aplicações em mockups com o software Adobe Photoshop 2020 e exposição digital dos cartazes a diferentes públicos, incluindo os participantes da pesquisa e membros da comunidade local, a fim de obter feedbacks e observar a percepção e interpretação dos elementos gráficos pelos espectadores.

Por fim, serão estabelecidas as diretrizes para a exposição e divulgação dos cartazes, identificando locais estratégicos na cidade onde poderão ser expostos, assim como a utilização de meios digitais, como redes sociais e websites, para ampliar o alcance e impacto da cartografia sonorovisual de Santa Cruz do Capibaribe-PE. Essa etapa é fundamental para assegurar a materialização e

apresentação adequada dos cartazes, de modo que possam transmitir a essência e a importância das memórias sonoroafetivas da cidade de forma eficaz e esteticamente apreciável.

2.1.4 Solução e detalhes construtivos

Essa fase está descrita no tópico 2.1.4.

3 DESENVOLVIMENTO PROJETUAL

3.1 DEFINIÇÃO DOS PROBLEMAS E SEUS COMPONENTES

Definido o problema a ser pesquisado, foi crucial o encontro com os participantes da pesquisa para estabelecer a conexão necessária e o acesso à essa sensibilidade sonora através da memória. Foi formado um grupo de sete moradores, entre estudantes e artistas, com faixa etária de 23 a 30 anos que se reuniram no Coletivo Chocalho, um espaço de arte-educação da cidade. O encontro aconteceu na manhã do dia 11 de fevereiro de 2023 e durou 4 horas. Foi montado uma sonda cultural (Figura 8) formada por papéis, lápis de pintar, canetinhas hidrográficas, giz, borracha, estilete, canetas esferográficas, marcadores, celular⁷ para coletar e analisar os dados sonorovisuais.

⁷ O celular citado no kit da sonda cultural é da pesquisadora participante e foi utilizado para registros de fotografia, vídeo e som para esta pesquisa. Compreendendo que o celular é uma ferramenta de coleta de dados importante para o projeto, foi citado nessa etapa como parte da sonda cultural, mesmo não sendo um dispositivo disponibilizado à mesa de exercício e somente manuseado pela pesquisadora participante e por uma segunda pessoa auxiliante durante a coleta de dados.

Figura 8: Sonda Cultural.



Fonte: Próprio autor, 2023.

A pesquisa busca capturar e preservar a memória sonora e visual de SCC, resultando na criação de uma cartografia afetiva que nos guia em direção a uma apreciação mais sensível dos aspectos sonoros e visuais. Através do kit da sonda cultural, o projeto buscou resgatar e registrar as histórias pessoais, as experiências vividas e as conexões emocionais dos moradores com os sons desse local.

3.1 Coleta de dados e análise

O local escolhido foi pensado para que os participantes pudessem se sentir o mais à vontade possível, em um ambiente tranquilo, arejado e com as interferências de sons ambiente da cidade, para compor a sinfonia dos sentidos.

Figura 9: Espaço para coleta de dados.



Fonte: Próprio autor, 2023.

O Coletivo Chocalho (Figura 9) tem um salão espaçoso e está localizado na avenida de acesso a um importante bairro da cidade, a Palestina, que curiosamente é o bairro onde a pesquisadora participante morou por mais de 20 anos. O horário da manhã foi uma escolha objetiva para que o corpo e a mente dos participantes estivessem abertos para o acesso das memórias afetivas.

Iniciado o encontro, foi apresentada mais a fundo a ideia da pesquisa, mas de maneira simples e objetiva, para que houvesse o mínimo de interferência possível nas memórias que seriam acessadas, compreendendo a importância da subjetividade nessa etapa do projeto.

A pesquisadora participante indicou que a atividade tinha como centro o registro em desenho de uma memória sonora afetiva que tivesse relação com a

cidade e que os participantes poderiam conversar ou ficar em silêncio durante o processo, sentindo e se deixando levar pelo som da memória e pelo som ambiente.

Figura 10: Durante o processo da coleta dos dados sonoro-visuais.



Fonte: Próprio autor, 2023.

Os participantes tiveram acesso às ferramentas dispostas na mesa de exercício e esse acesso foi espontâneo, deixando a vivência dinâmica e bastante natural, mas foi necessário, em alguns momentos, destituir a ideia de "saber desenhar" e trazer a ideia de que o desenho é livre e sensível e que se inicia quando se corre o risco, então é para todos que se disponibilizem à vida. O contato com as ferramentas de desenho instigaram e trouxeram memórias adormecidas da infância.

Figura 11: Agda com sua obra.

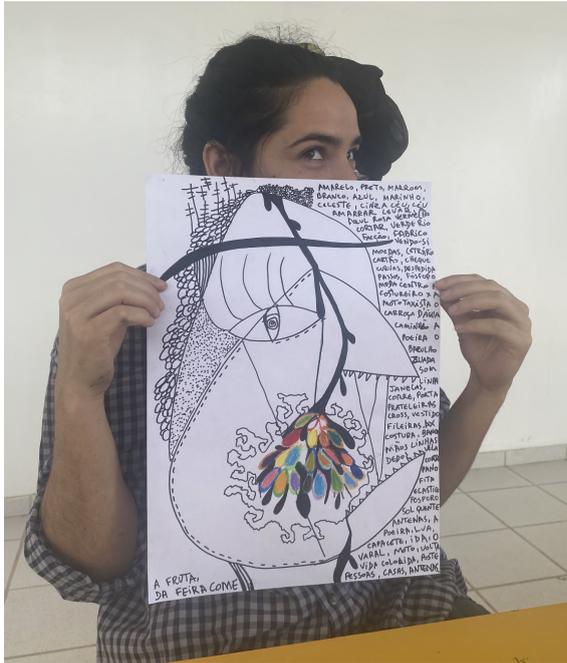


Figura 12: Desenho "A fruta, da feira come".



Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 13: José e seu desenho.



Figura 14: "O silêncio da rua de casa".



Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 15: Phylipe e sua obra.

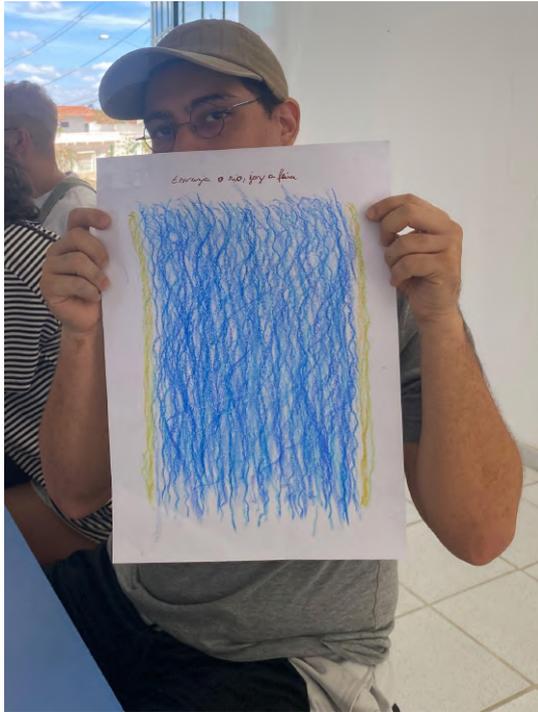
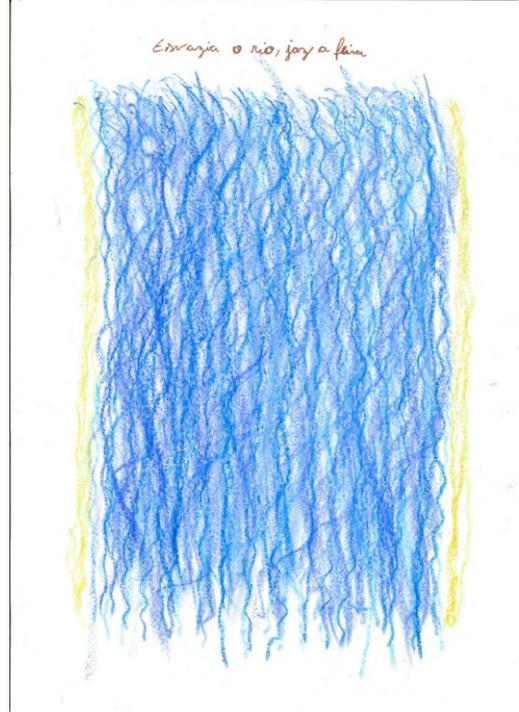


Figura 16: Desenho "Esvazia o rio, jaz a feira".



Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 17: Gabriel com seu desenho.



Figura 18: Desenho sem título.

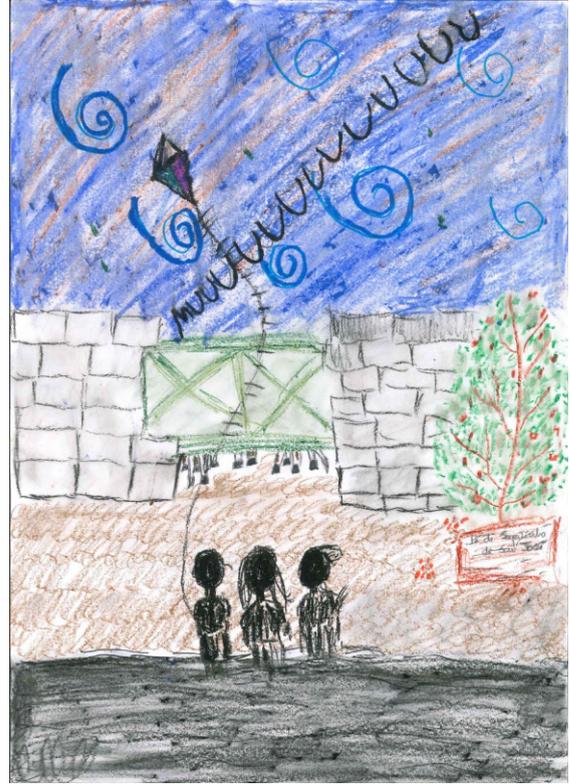


Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 19: Raísa e sua obra.



Figura 20: Desenho "Vacac e pipa ventando".



Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 21: Raísa e sua obra.



Figura 22: Desenho "Vacac e pipa ventando".



Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 23: Raísa e sua obra.



Figura 24: Desenho "Vacas e pipa ventando".



Fonte: Próprio autor, 2023.

Ao fim da etapa dos desenhos, foi sugerido que cada um falasse livremente sobre seu desenho para o grupo. "Eu visualizei uma figura, uma criatura [...] que anda com essa fruta no meio da cabeça [...]. São esses retalhos, essa forma de costura, essa forma de levar. A gente é uma terra que leva muito.", relatou a participante Ágda Moura (Figuras 11 e 12):

Amarelo, preto, marrom, branco, azul, marinho, celeste, cinza, céu, céu, amarrar, levar, azul, rosa, vermelho, cortar, verde, rio, facção, fabrico, vende-se, moedas, contrário, cartão, cheque, curva, despedida, passo, fósforo, moeda, centro, costureiro, moto-taxista, carroça d'água, caminhão, poeira, barulho, zuada, som, linha, janela, corre, porta, prateleira, cross, vestido, fileira, costura, pano, mãos, linhas, dedos, vela, corte, pano, fita, elástico, fósforo, sol quente, antena, poeira, lua, capacete, ida, varal, moto, volta, vida, colorida, poste, pessoa, casa, antena. A fruta da feira come e a gente come a feira de diversas formas e a fruta da feira nos come também⁸ (Moura, 2023).

É possível identificar, no desenho de Ágda, a memória da feira, que está presente há anos na vida dos moradores de SCC. É a memória de alguém que tem

⁸ A transcrição parcial dos áudios dos participantes da pesquisa pode ser encontrada no APÊNDICE A deste documento.

uma relação com esse lugar que é atravessado pelo trabalho da costura, da venda, do movimento que a feira faz com a cidade, evidenciando uma paisagem de cores e sons característicos do lugar. São linhas atravessadas, bifurcações que poderiam ser ruas, rios, órgãos vivos da cidade que partem da perspectiva de alguém que carrega ela como um fardo, como uma fera, como uma fruta, como uma feira de panos, de tiras coloridas, sendo essa sua bandeira.

Podemos também observar elementos que atravessam memórias adormecidas, que têm relação com o afeto sentido na infância e aspectos atuais que se embaralham, como aborda José Laurentino (Figuras 13 e 14):

A rua da minha casa sempre foi silenciosa [...]. Benedito do sorvete porque ele rompia o silêncio. [...] Benedito passava aqui 12:30, na frente, aí parava no Santo Antônio (escola) e 14h ele voltava por trás, aí quando eu não pegava ele aqui (na frente), eu pegava ele aqui (atrás), ficava esperando. [...] Tem um passarinho porque lá na rua de casa é muito silenciosa, sempre tem uns pássaros muito loucos cantando por lá. Eu pinteí a rua de rosa porque era a cor que eu gostava quando eu era criança [...] tenho essa memória da minha mãe falando que quando ela vestia rosa, eu dizia: "Mãe, você está muito, muito, muito, muito, muito, muito, muito linda! (Laurentino, 2023).

José Laurentino inicia a sua fala dizendo que sua rua é silenciosa e nos convida a entrar nesse silêncio, trazendo em seu discurso a perspectiva do rompimento do silêncio da rua através do carro de sorvete de Benedito - que José não cita em seu discurso, mas que usualmente é um sino acoplado ao guidão do carrinho -, ao mesmo tempo que insere o som dos pássaros como parte desse silêncio - aqui sem rompimento - porque, segundo ele, "tem passarinho porque lá na rua de casa é muito silencioso".

A cor, aqui, é um elemento de grande importância e José escolheu pintar as ruas de rosa porque, assim como sua mãe - vestida de rosa -, a rua também está e, por isso, está linda ou está linda e, por isso, está rosa.

O rosa traz o som da infância, da figura materna e da fala que sai da boca da criança José, com ênfase, com repetição, de quem vê e sentiu muita beleza, por isso marcou - também pelo relato -, então o jeito que se diz também fica, o rosa também tem uma sonoridade "muito, muito, muito, muito, muito, muito, muito linda!".

A memória relaciona aspectos da vida do sujeito com sua subjetividade, que o atravessa e interfere profundamente no tempo, de maneira ativa. Bem como afirma Nébias (2005), "lembrar e recordar é buscar significados da constituição de quem

somos hoje; é também uma contribuição importante para a compreensão de nossas condutas" e Phylipe Nunes Araújo (Figuras 15 e 16) confirma isso quando compartilha aspectos da sua falta de memória e os interliga com a invenção de algumas memórias para preencher a vida:

Eu tenho relação de infância com a memória muito esquisita num ponto que tem muitas memórias que eu lembro e que só estava eu, mas que eu não lembro se realmente aconteceu e aí as vezes, pra não ficar grilado, eu me permito deixar a cabeça forjar algumas memórias e acreditar nelas, já que, são memórias que só eu estava, então, por que não? (Nunes, 2023).

A memória, através da lembrança e da oralidade, é feita através de várias concepções, inclusive da invenção, se servindo de imagens para preencher lacunas e necessidades de nossas subjetividades. Nos servimos aqui do que escreveu Waly Salomão, em seu poema Carta Aberta a John Ashbery de 1996: "A memória é uma ilha de edição", sendo possível ser cortada, colada, pintada, preenchida, retirada, revisitada sempre que possível, se servindo de todas as imagens, todos os sons e palavras, de toda a imaginação.

Quando Phylipe Nunes Araújo resolve retratar, como ele relata, a "memória geográfica" que antecede a civilização da nossa região e nos convida a ouvir essa paisagem, entramos em uma memória adormecida do Rio Capibaribe limpo, por isso nos propõe a pensar o seu trajeto e nos chama a sonhar com o que foi, permitindo mergulhar nesse rio e observar essa margem, desejando assim, que o rio continue vivo dentro de nós. Como ele diz "[...] pensei [...], fiquei pensando em como devia ser esse espaço quando só se ouvia o rio.", então há uma sugestão a uma memória ancestral que está viva.

O tema ecológico e da infância se torna presente em quase todos os relatos e é possível identificar sons que remetem a coisas boas aliadas à natureza. Gabriel Bernardino (Figuras 17 e 18) desenhou uma das poucas áreas verdes da cidade dedicadas ao lazer. O Parque Florestal Fernando Silvestre fica no centro da cidade e foi fundado em 1991⁹, há anos, a população viveu e vive diversas histórias nesse lugar, e Gabriel é um exemplo disso:

Eu sempre gostei do parque porque me remetia a muitos sons, o som das árvores, dos garranchos, me lembrava o mar. Aqui (na areia), quando as crianças brincavam, quando elas arrastavam o pé, parecia muito um chiado

⁹ Disponível em: <https://meioambientesantacruz.wordpress.com/parque-florestal/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

de televisão, por isso os pontinhos e por isso também as infâncias passando e desenhando isso na areia. [...] Aqui, o barulho do vento, das folhas, das árvores. Aqui, no lago, me lembrava muito o barulho da chuva e da praia também. Aqui (nos brinquedos), o som de ferro, da brincadeira e aqui, (na árvore), uma grande multidão de passarinhos, quando eles cantavam, parecia um monte de gente (Bernardino, 2023).

Gabriel cita situações de aglomerado de vivências reunidas em um lugar de várias atividades e reconhece que, sendo esse "ponto verde em Santa Cruz" algo tão único, acaba se tornando especial como lugar de destaque em sua memória.

Essas memórias no passado, ainda estão presentes. Os pássaros continuam amando a mesma árvore - e em um determinado horário, perto do fim da tarde, se juntam e tomam conta de toda a copa dela, cantando, como um monte de gente. As crianças continuam arrastando os pés na areia, o vento continua a soprar, algumas árvores estão no mesmo lugar - alguns brinquedos não. A memória se refaz, em um lugar de afeto e descanso de uma população que vive em uma cidade conhecida pelo trabalho árduo da indústria da confecção.

Foi comum encontrar nos relatos dos participantes a ligação com uma memória de uma cidade em constante mudança arquitetônica, ambiental e humana. Paisagens que guardam elementos presentes que atravessam os anos; como o ar, presente na obra de Raísa Laura (Figuras 19 e 20), que sente SCC através dos seus "sopros de vento":

Sempre escuto sopros de vento na cidade, acho que talvez por causa do rio [...]. Aqui era a rua que sempre morei [...] tinha um curral que hoje não existe mais [...]. Nesse curral tinham várias vacas [...] tinha uma brecha embaixo, então a gente ficava brincando, olhando as vacas [...], a gente costumava soltar pipa, aproveitando o vento e tinha um pézinho que eu gostava muito, que era o pé de sapatinho de São José, que tinha umas frutinhas, que quando você morde faz 'plac! plac!' (Laura, 2023).

O vento, que é uma das vozes da cidade, que sopra a pipa, que tremula a bandeira, que faz redemoinho nas ruas e nos cabelos das crianças, ajuda a levar a voz do vendedor de tapiocas e cocadas na paisagem sonora da infância de Jansen Barros (Figuras 21 e 22):

A minha obra, ela é muito auto-explicativa porque ela representa Azedo, ou Tapioquete ou Limão [...] o carroceiro que vende tapioca e cocada. [...] Ele foi um cara muito marcante [...] na paisagem sonora da minha infância porque eu sempre escutava ele passando na rua e a voz e o som é algo que tá bem presente na forma de vender dele, [...] ele vem com a voz [...]. Ele falava: "Olha a cocada, tapiôôôô" [...], hoje em dia ele não faz mais isso, eu

acho que problema de voz [...], não é como antes porque ele sempre fazia todas as ruas, hoje eu vejo que ele é mais em silêncio (Barros, 2023).

É interessante notar, quando Jansen Barros diz que "ele (Azedo) vem com a voz", que o som chega primeiro que a imagem. É o sinal como uma anúncio. Quando há apenas a imagem, sonha-se o som, deseja-o, fazendo-o soar na imaginação.

Compreendemos que desejo e imaginação andam juntos e é necessário querer muito para imaginar o bastante ou imaginar muito para querer o bastante, e viver. Escolher acreditar é um caminho que passa pela via do afeto familiar na obra da pesquisadora-participante, Virgínia Guimarães (Figuras 23 e 24):

Quando eu morava na palestina, [...] eu sempre ouvia [...] pra essa região aqui, onde eu moro agora, dois tetéus¹⁰ [...], principalmente à noite [...] e eu lembro que é o som muito característico, que é um dos meus sons preferidos [...] aumentando a noite, então eu cresci ouvindo isso. [...] Me mudei, né, depois de 18 anos, pra onde eu moro agora [...] e tem um casal de tetéus morando lá de frente de casa e continua à noite (o som). [...] Eu falei pro meu pai um dia e ele disse assim: "Você sabia que tem um casal que mora desde a sua infância? Um único casal de tetéus que moram aqui? Provavelmente é esse." Não sei se ele inventou, mas eu acredito (Guimarães, 2023).

As memórias sonoras da vida animal da cidade se misturam com a da criança e mais tarde com o ser adulto. Os tetéus são referências da região agreste e disputam seu espaço no crescimento urbano.

A escolha da pesquisadora-participante em retratar a noite é que a noite guarda seus mistérios na infância. O som dos tetéus ficou (e está) durante a noite em sua vida. Há sons que ficam gravados e migram conosco, como aves no céu.

Na tabela a seguir, é possível encontrar a síntese da análise acima e compreender os aspectos que a pesquisadora-participante escolheu utilizar na construção dos 8 cartazes que irão compor o projeto:

¹⁰ Ave popular no Brasil, inclusive na região Agreste, onde esta pesquisa foi realizada. Vivem em banhados e pastagens. Seu nome é conhecido também por Quero-Quero e sua denominação é uma onomatopeia do seu canto.

Tabela 1 - Síntese da análise dos dados sonoro-visuais e os áudios do encontro

Obra	Síntese da análise	A trabalhar no cartaz
01 - A Fruta da Feira Come - Ágda	"A gente é uma terra que leva muito". Uma cidade em constante movimentação em volta da Feira da Sulanca e de tudo que corre ao redor dela. O som disso tudo.	As cores descritas em palavras, presentes também no desenho, serão levadas para o nome da cidade, que é o lugar das frutas do desenho de Agda. As linhas/fios pretos presentes também formam a moldura e as outras informações textuais do cartaz. O branco destaca o desenho e a informação.
02 - O Silêncio da Rua de Casa - José Laurentino	Memórias de infância vividas em uma casa que dava para duas ruas, uma em frente e outra atrás. O som dos pássaros sendo parte do silêncio e o som do vendedor de sorvetes rompendo esse silêncio. A cor rosa tomando conta das ruas da infância, a cor preferida, também na voz da criança José ao ver sua mãe vestida de rosa e chamá-la de linda.	O rosa como elemento de destaque do mundo cor de rosa bonito da infância de José e os elementos passeando pelo cartaz como essa casa com duas ruas. Preto para dar contraste.

<p>03 - Esvazia o rio, jaz a feira - Phylipe Nunes Araújo</p>	<p>"[...] fiquei pensando em como devia ser esse espaço quando só se ouvia o rio"</p>	<p>Tudo é margem. Tudo o que está na margem do rio faz parte do rio, nós fazemos parte, porque tudo cresceu ao redor dele, então o rio corre e salta para fora da moldura, está escondido atrás do desenho (dentro de nós), dessa memória radical ancestral. Azul, amarelo e branco. Elementos cristalinos do desenho.</p>
<p>04 - Desenho sem título - Gabriel Bernardino</p>	<p>Espaço de lazer e de infância, um dos poucos - se não o único - em uma cidade que gira em torno do trabalho com a indústria da confecção.</p>	<p>Verde sintetiza esse ponto de respiro na cidade que Gabriel descreve em sua fala. A árvore onde ficam os passarinhos, que parecem uma multidão de pessoas, dialoga com a multidão, de fato, que existe na cidade. O preto e o branco servem para criar contraste nas informações visuais do cartaz.</p>
<p>05 - Vacas e pipa ventando - Raísa Laura</p>	<p>Sopros de vento. Santa cruz é uma cidade que venta muito.</p>	<p>Cores do vento (tons de azul/lilás) para a moldura do desenho e título principal, sugerindo o que</p>

		<p>é 'invisível', mas pode ser ouvido e visto em outros objetos, como a pipa, por exemplo.</p> <p>Por falar em pipa, ela, bem como as crianças, o chão e o som das vacas, estão na cor preta, sendo assim, será utilizada essa cor para as informações textuais como subtítulo, citação, créditos e informações do rodapé, para conversar com outros elementos sonoros do desenho.</p> <p>A pipa que voa e é comandada por crianças, que estão na terra, têm ligação também com outros seres vivos, como o som das vacas, gerando essa infância cheia de texturas na rua.</p>
06 - Desenho sem título - Jansen Barros	Som que vem primeiro, carregando a imagem. Sinais de anúncio, como carros de sorvete, vendedores de tapioca e cocada, sinos de igreja.	A cor da voz. O timbre chega primeiro, mas é carregado de cor e cheiro, que sai da voz de um trabalhador, negro, que anunciou durante anos,

		através do seu instrumento de trabalho maior, sua voz, seu sustento.
07 - As gaivotas do agreste - Virgínia Guimarães	O som dos tetéus alarga a noite suficientemente para fazê-la brilhar e acender as formas do mundo, como a serra, a lua, a infância, etc.	Trabalhar cores da noite presentes no desenho para gerar contraste nas informações de texto, que conversam com cada elemento do desenho e com as informações textuais. Verouvir a noite (azul da montanha) e o que ela tem a dizer (citação), que Santa Cruz do Capibaribe voa, assim como as gaivotas numa lua cheia.

3.1.2 Criação, experimentação e materiais

A partir da análise e unindo a ideia de interferir o menos possível nos desenhos, mas apenas sublimá-los nos cartazes, o uso da moldura foi uma escolha importante para isso.

É importante ressaltar que a pesquisadora desejou criar um blog para hospedar mais informações sobre o projeto, desde a pesquisa ao resultado final. O blog pode ser acessado em: <https://verouvircidade.tumblr.com> e está contido no rodapé dos cartazes.

A seguir, nas figuras 22 e 23, estão os rascunhos iniciais, que nortearam o projeto no software photoshop. A opção 3 foi a escolhida como base para todos os

cartazes, compreendendo que ela contém as ferramentas desejadas pela pesquisadora participante.

Figura 25: Rascunhos iniciais dos cartazes isolados de cada desenho

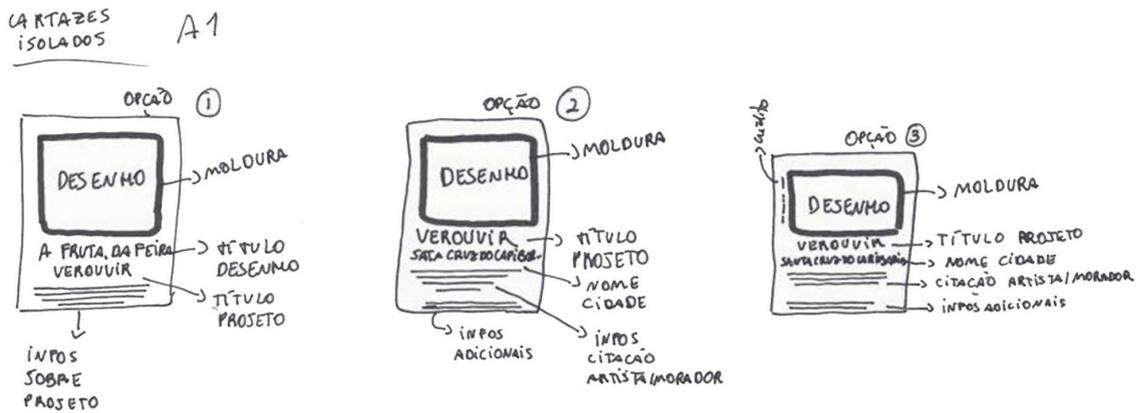
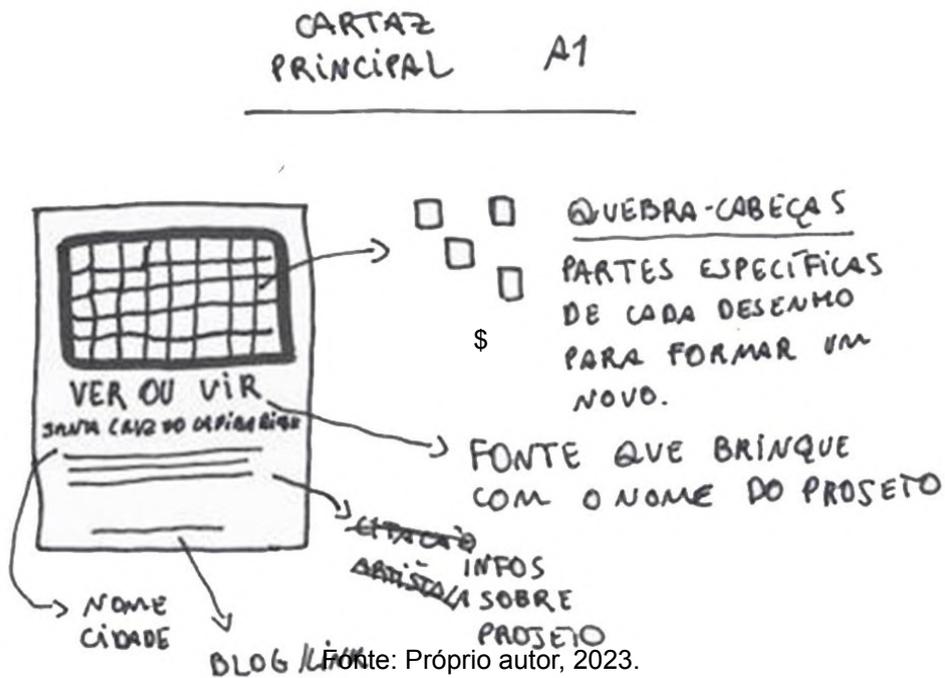


Figura 26: Rascunho inicial do cartaz central, que sintetiza o projeto.



Nas figuras 27, 28, 29 e 30 é possível notar o passo a passo da construção dos cartazes no software Photoshop. Foi utilizado o cartaz de Agda como modelo, que se repete nos demais cartazes:

Figura 27: Desenho como plano de fundo.

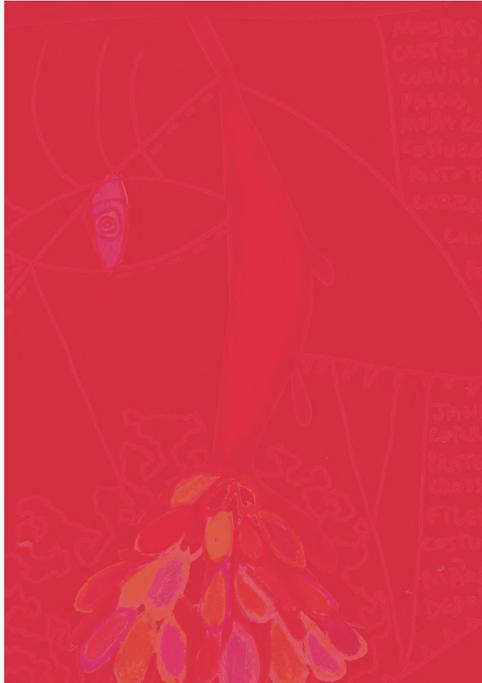


Figura 28: Moldura.



Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 29: Desenho na moldura.

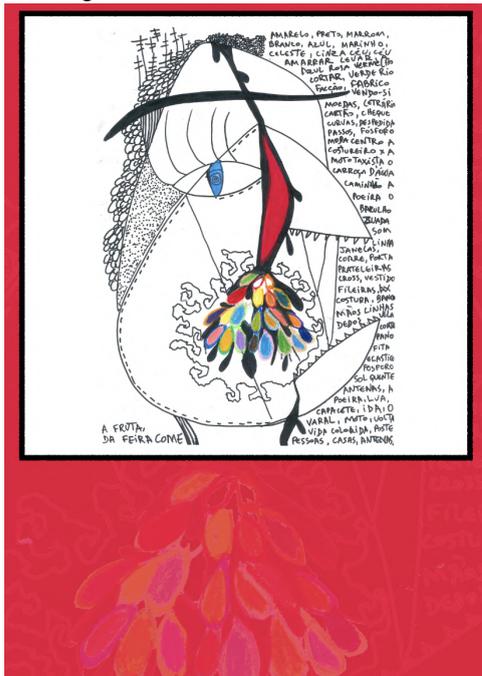
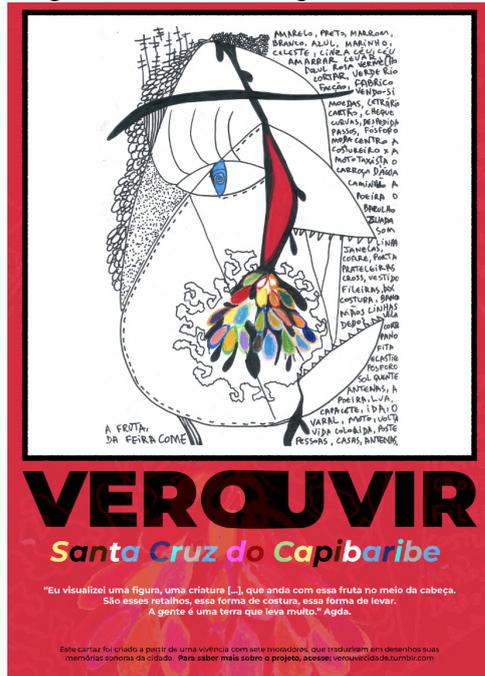


Figura 30: Cartaz de Agda finalizado.

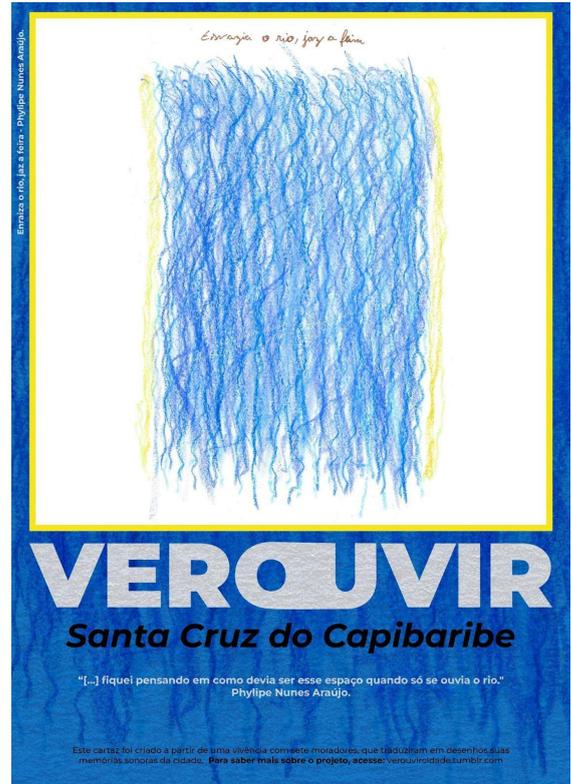


Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 31: Cartaz de José Laurentino.



Figura 32: Cartaz de Phylippe Nunes Araújo.

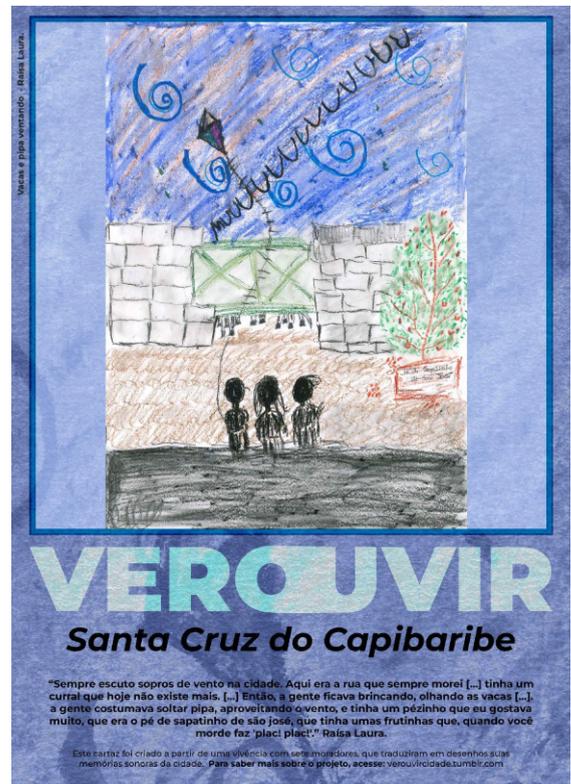


Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 33: Cartaz de Gabriel Bernardino.



Figura 34: Cartaz de Raísa Laura.

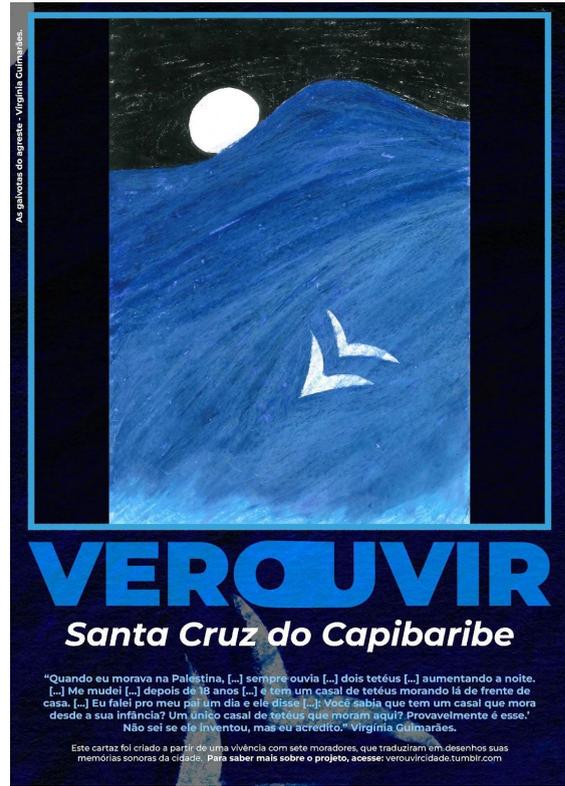


Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 35: Cartaz de Jansen Barros.

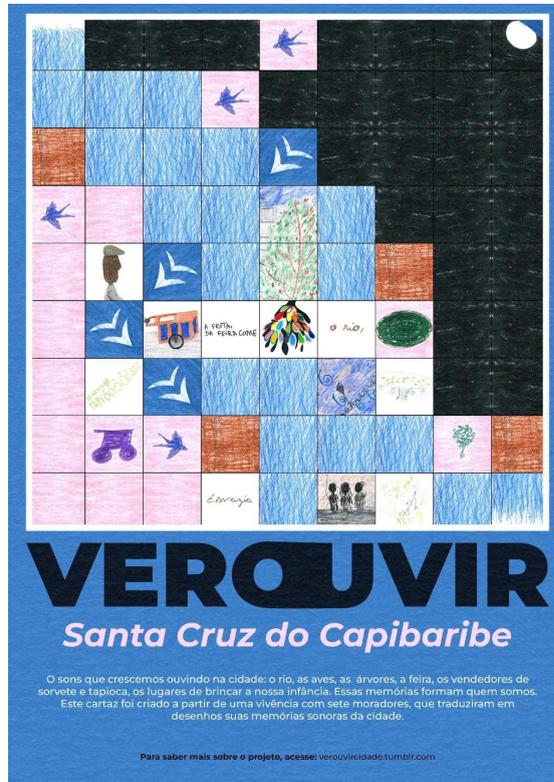


Figura 36: Cartaz de Virgínia Guimarães.



Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 37: Cartaz central finalizado.



Fonte: Próprio autor, 2023.

Vale ressaltar ainda o uso da fonte Montserrat compondo as informações textuais dos cartazes. A fonte, criada pela designer Julieta Ulanovsky, tem raízes na tipografia urbana dos cartazes e letreiros das ruas de Montserrat, em Buenos Aires. Sua simplicidade geométrica e moderna ajudou a significar o trabalho. É uma das fontes mais populares e acessíveis, disponível gratuitamente no Google Fonts e comunica de maneira direta a mensagem que o projeto deseja passar. Houve uma modificação na fonte, no que concerne o título 'VEROUVIR', a pesquisadora decidiu por transformar o conectivo 'ou' em uma ligadura¹¹, para deixar o texto mais bonito e sugerir implicitamente uma nova leitura: ver ou vir.

3.1.3 Verificação e testes

Foram desenvolvidos mockups para exemplificar opções de aplicação dos cartazes:

Figura 38: Mockup de visualização em série do cartaz principal.



Fonte: Próprio autor, 2023.

¹¹ Uma ligadura é um conceito tipográfico que envolve a combinação visual e gráfica de dois ou mais glifos (elementos de letras ou caracteres) em uma única forma (Costa, 2020).

Figura 39: Mockup de cartazes lado a lado em rua de SCC.



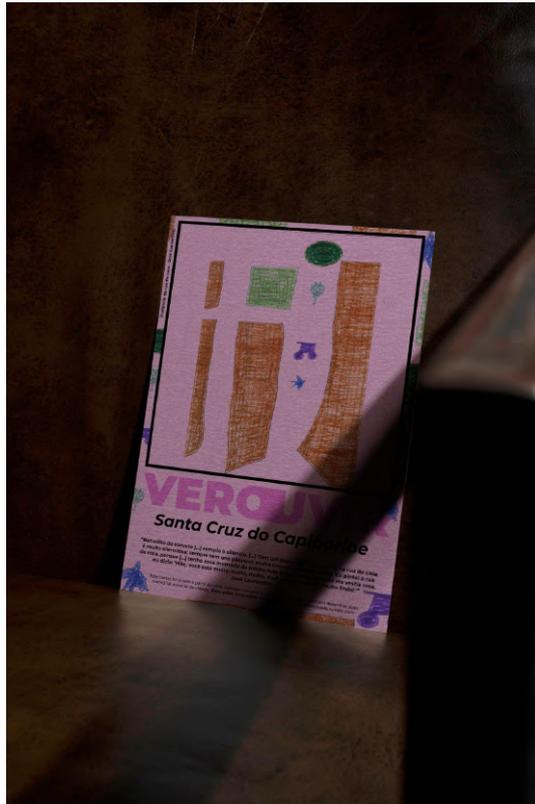
Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 40: Mockup de cartaz no PSF da Palestina.



Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 44: Mockup de cartaz como item decorativo de casa.



Fonte: Próprio autor, 2023.

3.1.4 Solução e detalhes construtivos

Os cartazes do projeto têm formato A1 como padrão (7016 x 9933px), mas podem ser adaptados para outros formatos A, como A1, A2, A3, A4, A5 e A6. É recomendado a impressão em papel couché de alta gramatura.

Com as imagens dos dados sonoro-visuais escaneados em 300DPI (o máximo que a impressora disponível forneceu), é aberto um arquivo no software Photoshop em 300DPI, para manter o parâmetro de qualidade da imagem e, em seguida, são feitas as linhas guias para as informações gráficas/textuais.

Foi utilizado o cartaz de Agda como modelo, que se repete nos demais cartazes e a construção pode ser conferida nas figuras 24, 25, 26 e 27.

As peças não devem ter suas dimensões distorcidas, nem suas cores modificadas bem como seus elementos não devem ser invertidos ou retirados, isso descaracterizaria o conceito do projeto.

4 DETALHAMENTO TÉCNICO E ESPECIFICAÇÕES

Já foram apresentados no tópico 3.5, uma vez que a metodologia utilizada já inclui essa especificidade em sua última etapa.

5 CONCLUSÕES

Aqui, tomo a palavra para me colocar em primeira pessoa, pela intimidade que percorreu todo o trajeto deste projeto, me servindo de outros tantos, porque sou constituída de vários, principalmente dos meus, de onde vivo e como luto pelo mundo que acredito. Mateus Aleluia, músico brasileiro, um dos Tingoãs, disse em uma entrevista para a Revista Trip, em 2019, que:

[...] 'Antes de tudo veio o verbo' [...], tem um ditado [...]. Não. Antes de tudo houve a música. [...] Antes do mundo ser criado, até quando estavam os movimentos, dos elementos tudo aí, pra poder criar essa brincadeira que nós aqui estamos, tudo isso era uma grande sinfonia. [...] A terra [...], os mares, os rios, os ventos, o crepitar das chamas. Uma sinfonia, minha filha! Antes de tudo houve a música, os ventos soprando [...]. Depois que apareceu o homem, ele viu essa beleza toda, ele teve necessidade de dizer para o outro como é que ele tava se sentindo, aí é que veio o verbo (Aleluia, 2023).

O som, para mim, é uma via verdadeira de ler o mundo, concreta, materialista. Compreendo o som como um parâmetro físico, a liga que nos conecta à vida. É físico, é vibração, e tudo que vibra é um lugar a se investigar. É um lugar de disputa, por isso, político, e, por isso ainda mais, um lugar a se ocupar, pelo povo.

Durante o desenvolvimento deste estudo, foram coletados dados significativos que trazem luz sobre a cultura local e a paisagem sonora de Santa Cruz do Capibaribe. Os encontros com os co-participantes, representando diversos perfis de moradores, resultaram em uma variedade de registros sonoro-visuais, pela relação íntima com o lugar onde vivem.

Ouvir o lugar que se vive é uma espécie de atenção que nos interliga à nossa própria comunidade. Aledáide Ivánova, escritora de Gravatá do Ibiapina, morando

atualmente na Alemanha, lançou uma newsletter em Agosto de 2023, na sua página do Substack, sobre o mês de Julho do mesmo ano, em que ela esteve de férias pelo São João de Caruaru com a família. O texto é dedicado à cidade de Caruaru e aos seus pedestres. Nele, ela fala da experiência pessoal em relação à mobilidade urbana:

Andar para resolver BO pode cumprir uma função de fiscalização popular e comunitária. É que não poder andar nas cidades nos desconecta delas e, desconectados, não nos importamos em cuidar das cidades. É um ciclo tristíssimo. Ilhados em carros, não estamos em contato com o estado da cidade – e se não enxergamos a cidade, não re/conhecemos seus problemas (Ivánova, 2023).

Enxergar a cidade, como Adelaide bem diz, é percebê-la com todos os sentidos, tomá-la para si, lutar por ela, para inscrever a história da sua própria comunidade. Ouvir é uma ferramenta de acesso à cidade, andar é uma ferramenta de acesso à cidade, e que muitas vezes nos é negado. No projeto, as sondas culturais, uma ferramenta que se revelou importantíssima na pesquisa, revelaram um espectro diversificado de memórias afetivas ligadas à cidade. A análise das expressões visuais e narrativas dos participantes permitiu identificar padrões e singularidades nas percepções acerca da paisagem sonora, de paisagens profundamente afetivas, cheias de cores. Através dos desenhos, a riqueza das emoções vinculadas a sons específicos emergiu de forma tangível. Os cartazes finais, desenvolvidos a partir dessas representações, materializaram o elo entre o som e o visual, sendo resolvido com significado e contexto. Além disso, a participação ativa dos moradores no processo de pesquisa proporcionou uma sensação de pertencimento e coautoria. Essa abordagem inovadora na cidade, ampliou a compreensão das conexões entre memórias individuais, cultura coletiva e paisagem sonora, reforçando a relevância da preservação das narrativas sonoro-visuais como patrimônio imaterial de Santa Cruz do Capibaribe. Os resultados evidenciam não apenas a capacidade do som como veículo de identidade cultural, mas também a capacidade de ferramentas de design, como as sondas culturais, enriquecerem a investigação qualitativa. Em síntese, os resultados obtidos nesse estudo oferecem uma visão profunda e genuína da relação entre a cultura local e a

paisagem sonora, reforçando a importância de valorizar e preservar as memórias afetivas dos seus moradores, através de abordagens inovadoras como a cartografia sonorovisual.

REFERÊNCIAS

ALELUIA, Mateus. **Mateus Aleluia é um milagre**. São Paulo: Revista Trip, 2019. 9min37s. Disponível em: <https://youtu.be/lq9RagVaocA>. Acesso em: 30. ago. 2023.

Bezerra, Mayara. **A cidade que não conheceu o silêncio**. Outros Críticos, Recife, v. 15, n. 1, p. 37-38, out. 2020. Disponível em: <https://outroscriticos.com/outros-criticos-15-politicas-do-som-e-imagem/>. Acesso em: 18 jan. 2023.

Blog do Bruno Muniz. **SENAI continuará ofertando cursos em Santa Cruz do Capibaribe, porém não irá mais dispor de estrutura fixa**. Disponível em: <https://blogdobrunomuniz.com.br/2021/01/senai-continuara-ofertando-cursos-em-santa-cruz-do-capibaribe-porem-nao-ira-mais-dispor-de-estrutura-fixa.html#:~:text=Vamos%20seguir%20trabalhando%20pelo%20povo.da%20estrutura%20como%20funcionava%20anteriormente>. Acesso em: 14 jan. 2023.

Blog do Meio Ambiente. **Parque Florestal**. Disponível em: <https://meioambientesantacruz.wordpress.com/parque-florestal/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

Blog Merece Destaque. **Projeto pretende incluir área de preservação ao perímetro urbano, em Santa Cruz do Capibaribe**. Disponível em: <https://blogdobrunomuniz.com.br/2021/01/senai-continuara-ofertando-cursos-em-santa-cruz-do-capibaribe-porem-nao-ira-mais-dispor-de-estrutura-fixa.html>. Acesso em: 17 jan. 2023.

Burnett, A. **O “ponto de mutação” da Sulanca no Agreste de Pernambuco**. História Oral, v.17, n.2, p. 153-171, 2014.

Campello, G. M. C. **A atividade de confecções e a produção do espaço em Santa Cruz do Capibaribe**. 1983. Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação no curso de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1983.

Campos, Haroldo de. **Galáxias**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2004.

Costa, Valter. **O QUE SÃO LIGADURAS?**. Plau Design, [2020]. Disponível em: <https://www.plau.design/entrelinha/ligaduras-tipograficas>. Acesso em: 23 ago. 2023.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1.

G1 Caruaru. **Mais de 100 mil pessoas foram ao Moda Center no fim de semana em Santa Cruz do Capibaribe, estima organização**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2022/06/06/mais-de-100-mil-pessoas-foram-ao-moda-center-no-fim-de-semana-em-santa-cruz-do-capibaribe-estima-organizacao.ghtml>. Acesso em: 14 jan. 2023.

Gaver, B., Dunne, T., & Pacenti, E. **Design: Cultural Probes**. Interactions, 6(1), 21-29, 1999. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/291224.291235#>. Acesso em: 19 jun. 2023.

Gonçalves, J. R. S. (2005). **Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios**. Horizontes Antropológicos, 11(23), 15-36. Disponível em: <https://www.readcube.com/articles/10.1590/s0104-71832005000100002>. Acesso em: 14 jun. 2023.

IBGE. **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/santa-cruz-do-capibaribe.html>. Acesso em: 15 jan. 2023.

Ivánova, Adelaide. **Julho de 2023: o errante navegante**. Substack. Publicado em 06 ago. 2023. Disponível em: https://adelaideivnova.substack.com/p/julho-de-2023-o-errante-navegante?utm_source=profile&utm_medium=reader2. Acesso em: 30 de ago. 2023.

Leia Já. **Polo de Confeções do Agreste, um potencial ainda pouco conhecido**. Disponível em: <http://especiais.leiaja.com/descosturandoacrise/materia1.html>. Acesso em: 18 jan. 2023.

Moda Center Santa Cruz. **Sobre o Moda Center**. Disponível em: <https://modacentersantacruz.com.br/sobre/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

Moura, Agda. **Transversal**. Disponível em: <https://www.musixmatch.com/es/letras/Agda-1/transversal>. Acesso em: 16 jan. 2023.

Munari, Bruno. **Das Coisas Nascem as Coisas**. Tradutor Jose Manuel de Vasconcelos. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Nébias, Cleide. **Memória, Registro e Subjetividade: Escritas de professoras**. INTERAÇÕES, v. X, n. 20, p. 73-84, jul.-dez. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v10n20/v10n20a06.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

Oliveira, Milena Behling; RIBEIRO, Diego Lemos. **Patrimônios Afetivos: Um Novo Recurso para o Turismo em Morro Redondo-RS, Brasil**. Rosa dos Ventos, v. 11, n. 4, pp. 847-860, 2019 Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4735/473561122006/html/#:~:text=Portanto%2C%20os%20Patrim%C3%B4nios%20Afetivos%2C%20servem,repassar%20para%20as%20opr%C3%B3ximas%20gera%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 14 jun. 2023.

PE-AZ. **Agreste Setentrional**. Disponível em: <https://www.pe-az.com.br/o-estado/regioes/289-agreste-setentrional>. Acesso em: 15 jan. 2023.

Pereira, Juliana C. **Cartografias Afetivas**. Linha Mestra, Campinas, v. 9, n. 27, p. 120, ago.dez. 2015. Disponível em: <https://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/1213/1027>. Acesso em: 18 jan. 2023.

Ramos, Alexandre. et al. **Expedição Capibaribe**. Recife: Funcultura, 2007.

Santa Cruz do Capibaribe. **A cidade**. Disponível em: <https://www.santacruzdocapibaribe.pe.gov.br/artigos/pagina/id/6>. Acesso em: 15 jan. 2023.

Santos, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

Serra do Pará. **Serra do Pará**. Disponível em: <https://www.serradopara.com.br/2021/07/videos.html>. Acesso em: 18 jan. 2023.

Silva, Marcella de Andrade e. **Práticas de Sustentabilidade Social na Cadeia de Suprimentos: um estudo no Polo de confecções do agreste de Pernambuco**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Administração) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2022.

Smith, Hartmut Geerken (Ed.). **Sun Ra: The Immeasurable Equation. The Collected Poetry and Prose**. Jackson, MI: University Press of Mississippi, 2006. p. 65.

Suzana de Souza Moura, M.; Gianella, V. **A ARTE DE ESCUTAR: NUANCES DE UM CAMPO DE PRÁTICAS E DE CONHECIMENTO**. Revista Terceiro Incluído, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 9–24, 2017. DOI: 10.5216/teri.v6i1.40739. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/view/40739>. Acesso em: 19 jun. 2023.

Waly. **Algaravias**. Câmara de Ecos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997

Xavier, M. G. P. **O processo de produção do espaço urbano em economia retardatária: a aglomeração produtiva de Santa Cruz do Capibaribe**. 2006. Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação no curso de Doutorado em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

Zourabichvili, François. **Conexões: o vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO PARCIAL DOS ÁUDIOS DOS CO-PARTICIPANTES

Entrevistada 1 - Ágda Moura: O subjetivo da cidade, aonde fica e, principalmente, essa coisa de trazer o som pra forma que você tem da cidade. Eu visualizei uma figura, uma criatura, homem, mulher, menina, menino, que anda com essa fruta no meio da cabeça. 'A fruta, da feira come' é o nome da ideia [...]. São esses retalhos, essa forma de costura, essa forma de levar, né? A gente é uma terra que leva muito, então, as carregações, que é um tema que a gente sempre fala, as antenas, as pequenas coisas, subir, descer. [...] Essas palavras também acho que fazem parte muito do convívio, o que fica no meio, no meio, sempre no meio, da ideia daqui, né, o trânsito. Então escrevi: Amarelo, preto, marrom, branco, azul, marinho, celeste, cinza, céu, céu, amarrar, levar, azul, rosa, vermelho, cortar, verde, rio, facção, fabrico, vende-se, moedas, contrário, cartão, cheque, curva, despedida, passo, fósforo, moeda, centro, costureiro, moto-taxista, carroça d'água, caminhão, poeira, barulho, zuada, som, linha, janela, corre, porta, prateleira, cross, vestido, fileira, costura, pano, mãos, linhas, dedos, vela, corte, pano, fita, elástico, fósforo, sol quente, antena, poeira, lua, capacete, ida, varal, moto, volta, vida, colorida, poste, pessoa, casa, antena. A fruta da feira, come e a gente come a feira de diversas formas e a fruta da feira nos come também.

Entrevistado 2 - José Laurentino: Eu fui uma criança cuidada por vó, assim, então eu não saía muito, era uma infância que era marcada nesse arredor [...]. A rua da minha casa sempre foi silenciosa [...]. Eu fiz esse micro-mapa [...]. A parte que representa as casas, eu pintei dessa corzinha porque me lembra essa coisa visual dos prédios daqui, porque eles são [...] de tijolos ou com acabamento não muito bem feito [...]. Tem essa árvore que é a árvore da craibeira, que eu desloquei ela. Tem a escola [...]. Benedito do sorvete porque ele rompia o silêncio. [...] Benedito passava aqui 12:30, na frente, aí parava no Santo Antônio (escola) e 14h ele voltava por trás, aí quando eu não pegava ele aqui (na frente), eu pegava ele aqui (atrás), ficava esperando. [...] Tem um passarinho porque lá na rua de casa é muito silenciosa, sempre tem uns pássaros muito loucos cantando por lá. Eu pintei a rua de rosa

porque era a cor que eu gostava quando eu era criança [...] tenho essa memória da minha mãe falando que quando ela vestia rosa, eu dizia: "Mãe, você está muito, muito, muito, muito, muito, muito, muito linda!.

Entrevistado 3 - Phylipe Nunes Araújo: [som de passarinho com a boca]. [...] Eu tenho relação de infância com a memória muito esquisita num ponto que tem muitas memórias que eu lembro e que só estava eu, mas que eu não lembro se realmente aconteceu e aí, as vezes, pra não ficar grilado, eu me permito deixar a cabeça forjar algumas memórias e acreditar nelas, já que são memórias que só eu estava, então, por que não? [...]. E aí, com isso, eu resolvi resgatar uma memória primeira que fosse não uma memória minha e não uma memória de nenhuma outra pessoa, nem uma memória de uma cidade, mas que fosse uma memória geográfica. [...] Pensei em como seria esse espaço, que hoje a gente chama de Santa Cruz, quando era só um lugar onde tinha um rio, onde passava um rio, e ao redor tudo era margem. [...] Fiquei pensando em como devia esse espaço quando só se ouvia o rio.

Entrevistado 4 - Gabriel Bernardino: Eu escolhi escrever o parque florestal, que ele me remete muito à minha infância [...]. Eu sempre gostei do parque porque me remetia a muitos sons [...], o som das árvores, dos garranchos, me lembrava o mar e também esse barulho que a árvore faz. Aqui (na areia), quando as crianças brincavam, quando elas arrastavam o pé, parecia muito um chiado de televisão, por isso os pontinhos e por isso também as infâncias passando e desenhando isso na areia de lá. [...] Aqui o barulho do vento, das folhas, das árvores, era sempre característico. Aqui, no lago, me lembrava muito o barulho da chuva, quando tava derramando, da praia também e dos patinhos, que agora tem, acho uma fofura os patinhos. Aqui (nos brinquedos) o som de ferro, o som da brincadeira nesse movimento de ferro e aqui, (na árvore), uma grande multidão de passarinhos, quando eles cantavam, parecia um monte de gente, assim. [...] Pra mim, o parque florestal é um ponto verde em Santa Cruz, que não é tão característico assim, ter na cidade, né, com tanta vida, com tantas pessoas. Pensei no cruzeiro, mas eu não passei muito minha infância lá, passei mais no parque.

Entrevistada 5 - Raísa Laura: Eu quis colocar o vento [...]. Eu acho Santa Cruz uma cidade que venta muito [um sopro de vento entra na sala e venta os papéis em

cima da mesa] [...] Eu acho uma cidade aqui que venta muito. Sempre escuto sopros de vento na cidade, eu acho que talvez por causa do rio, tem essa ventania diária. [...] Aqui era a rua que sempre morei, aí, tinha um curral que hoje ele não existe mais, construíram várias casas, e aí, nesse curral tinham várias vacas e tinha essa memória de sempre ir brincar com as vacas, porque tinha uma brecha embaixo, então a gente ficava brincando, olhando as vacas e tinha esse muro de sempre, em frente [...], aí a gente costumava soltar pipa, aproveitando o vento e tinha um pézinho que eu gostava muito, que era o pé de sapatinho de São José, que tinha umas frutinhas, que quando você morde aí faz 'plac! plac!'.

Entrevistado 6 - Jansen Barros: A minha obra, ela é muito auto-explicativa, né, porque ela representa Azedo, ou Tapioqueite ou Limão [...] o carroceiro que vende tapioca e cocada. [...] Ele foi um cara muito marcante [...] na paisagem sonora da minha infância, porque eu sempre escutava ele passando na rua e a voz e o som é algo que tá bem presente na forma de vender dele, [...] ele vem com a voz [...]. Ele falava: "Olha a cocada, tapiôôôôô" [...], hoje em dia ele não faz mais isso, eu acho que problema de voz [...], não é como antes porque ele sempre fazia todas as ruas, hoje eu vejo que ele é mais em silêncio.

Entrevistada 7 - Virgínia Guimarães: [...] Quando eu morava na Palestina, [...] eu sempre ouvia, pra cá, pra essa região aqui, onde eu moro agora, dois tetéus, principalmente à noite e eu lembro que é o som muito característico, que é um dos meus sons preferidos [imita o som dos tetéus com a boca] [...] aumentando a noite, então eu cresci ouvindo isso. [...] Me mudei, né, depois de 18 anos, pra onde eu moro agora, Neco Aragão, e tem um casal de tetéus morando lá de frente de casa, e continua à noite (o som). [...] Eu falei pro meu pai um dia e ele disse assim: "Você sabia que tem um casal que mora desde a sua infância? Um único casal de tetéus que moram aqui? Provavelmente é esse.". Não sei se ele inventou, mas eu acredito [...], então, o meu pássaro preferido, por causa do seu som, é o tetéu.

[LINK: ÁUDIOS - POR UMA GEOGRAFIA DE VEROUVIR](#)

**APÊNDICE B – ÁLBUM COM TODAS AS IMAGENS DA COLETA DE DADOS,
DESCRIÇÃO PARCIAL DOS ÁUDIOS, CARTAZES E MOCKUPS
DESENVOLVIDOS.**

[LINK: ÁLBUM - PGD - VIRGÍNIA GUIMARÃES](#)